

O Mineirão e a nova perspectiva do futebol mineiro

Erick Alan Moreira Ferreira¹

Luciano Pereira da Silva²

Este trabalho possui como objetivo investigar o processo de ascensão do futebol mineiro ao cenário nacional a partir da inauguração do Mineirão no ano de 1965. buscando discutir através da bibliografia existente sobre este tema as transformações ocorridas no futebol mineiro através de fatos e argumentos que explicitam o crescimento e a consolidação dos clubes da capital (Cruzeiro Esporte Clube e Clube Atlético Mineiro) como duas forças nacionais nos anos procedentes ao advento do Mineirão.

Para tanto, sem a pretensão de estabelecer paternidades heroicas e datas oficiais nas mais diversas relações que se estabelecem entre o futebol e a sociedade nas suas mais profundas significações (FREITAS JÚNIOR, 2007), pode-se considerar a primeira década do século XX como período em que houve os primeiros movimentos para a estruturação do futebol na capital mineira, no entanto, as décadas seguintes assinalaram uma série de transformações de ordem estrutural e simbólica.

No delineamento do objeto de pesquisa, “não há outro modo de compreender a transformação a não ser a partir de um conhecimento da estrutura” (BOURDIEU, 1990, p. 2010). Diante deste entendimento e do objetivo deste trabalho, torna-se importante discutir a dinâmica do próprio futebol, que no caso de Belo Horizonte caminha lado a lado à história da cidade que foi planejada e construída sobre o ideário da modernidade no período de transição entre os séculos XIX e XX³.

Primórdios do futebol na capital mineira

O futebol mineiro, sobre o amparo dos clubes da capital, passou por diferentes fases que emergiram de uma prática amadora. O futebol foi introduzido em Belo Horizonte nos

¹ Aluno do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer (UFMG), nível mestrado; Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

² Professor adjunto da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional (EEFFTO/UFMG); Integrante do Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT).

³ Para ver mais sobre o assunto consultar Rodrigues (2006).

primeiros anos da década de 1900 em consonância aos ideais da modernidade que estavam atrelados a um estilo de vida requerido pelas elites locais, pois assim como no Rio de Janeiro e São Paulo, o futebol ficou restrito inicialmente apenas a elite como um hábito elegante e saudável (COUTO, 2004). É importante ressaltar que a participação da elite no futebol não ocorreu sem estranhamentos, especialmente, por aqueles que não eram adeptos ao estilo esportista propagado. Para atrair a atenção do público era dado um ar de festa as partidas futebolísticas, contando com a participação de bandas que promoviam o encontro das pessoas, possibilitando uma vivência pública de divertimento (SOUZA NETO, 2010).

O futebol enquanto uma vivência social restrita à elite belo-horizontina apropriou-se inicialmente de um espaço situado dentro Parque Municipal, e na medida em que foi adquirindo mais adeptos, foi levado para outros locais da cidade.

Ao ganhar notoriedade nas camadas mais abastadas da população, **o esporte passou a ser incentivado pelo Estado, que cedeu importantes áreas no centro da cidade como também no Prado Mineiro para a construção de estádios. [...] Absorvido pelas camadas menos favorecidas da população, o futebol ganhou novas representações socioculturais que se mostraram distintas daquelas encontradas nas duas primeiras décadas do século XX** (grifos nossos) (COUTO, 2004, p. 02-03).

Um dos fatores que explica o processo de efervescência popular em torno do futebol foi a sua profissionalização no início da década de 1930, pois houve o acirramento da competição e da rivalidade entre os clubes, e o futebol deixou de ser um esporte exclusivo das elites, tornando-se também um esporte das massas. De acordo com Moura (2010), este processo possibilitou a inegável participação de todas as camadas sociais, percebida ao ensejo das partidas realizadas nos estádios da capital.

Segundo Guterman (2009)⁴ *apud* Santos (2012), pode-se considerar o Estado como o principal agente responsável pelo movimento de profissionalização do futebol brasileiro, pois durante o primeiro mandato presidencialista de Getúlio de Vargas (1930 - 1945), o governo de fato, empreendeu esforços consideráveis para estatizar o controle do futebol no Brasil, e isso acelerou o processo de sua profissionalização. Contudo, é importante dizer

⁴ GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009.

também que antes do processo de profissionalização já poderia notar ações do poder público atuando sobre o futebol.

No que se refere a Minas Gerais, o envolvimento do Estado se agregava ao próprio desenvolvimento do futebol na capital, sobretudo, no aspecto em relação ao incentivo à construção de estádios. Assim, esta relação não se deu apenas através do exemplo do Prado Mineiro, já que em decorrência da popularização do futebol nas décadas seguintes ao movimento de profissionalização, o Estado manteve-se intervindo na dinâmica do futebol mineiro, inclusive, sua participação dialoga com o processo de ascensão e consolidação do futebol mineiro ao cenário nacional e internacional através da construção do Mineirão.

Condições do futebol mineiro antes do Mineirão

O processo de profissionalização do futebol não coincidiu diretamente com ascensão dos clubes da capital, pois ao mesmo tempo em que o futebol adquiria adeptos dos diversos segmentos sociais e se tornava uma valiosa vivência de lazer do belo-horizontino, Cruzeiro e Atlético demoraram a conseguir corresponder o entusiasmo dos torcedores da capital, uma que nas décadas seguintes à profissionalização, o futebol brasileiro manteve-se sobre um domínio hegemônico dos clubes de São Paulo e Rio de Janeiro.

De acordo com Freitas Júnior (2009) o domínio paulista e carioca sobre o futebol brasileiro mantinha os aspectos concernentes da própria dinâmica da sociedade brasileira.

Na condição de maiores metrópoles do Brasil, as cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo sempre detiveram o privilégio de ditar normas, comportamentos e de lançar novidades para o resto do país [...] e nesse aspecto o futebol manteve-se na regra geral: é nessas cidades (elas sempre monopolizaram o futebol brasileiro) que ocorreram os maiores acontecimentos esportivos do país (CALDAS, 1990, p. 24).

Evidencia-se também que até o início da década de 1960 havia uma forte concentração dos meios de comunicação de massa em São Paulo e no Rio de Janeiro, fazendo de Minas Gerais um estado muito suscetível à influência desses dois centros, favorecendo, inclusive, a atração pelos clubes paulistas e cariocas, pois os meios de comunicação propagavam maior noticiário acerca do futebol desses estados. Logo, as somas desses fatores

contribuíram para que o futebol paulista e carioca se constituíssem hegemonicamente perante o restante do país, pois os principais jogadores, equipes, campeonatos e estádios concentravam-se majoritariamente nestes estados, onde também se formava a seleção brasileira (ASSUMPÇÃO, 2004).

Os estádios sempre desempenharam um importante papel a favor da expansão do futebol. Ao passo que São Paulo contava com estádios como Pacaembu (70.000 torcedores) e Parque Antarctica (25.000 torcedores) e o Rio de Janeiro com o Maracanã (200.000 torcedores) e São Januário (50.000 torcedores) (ASSUMPÇÃO, 2004), “em Minas, os estádios eram apontados como fatores dissonantes da importância que este esporte atingiria naquelas terras, além de serem responsabilizados pela limitação do futebol mineiro” (SANTOS, 2005, p. 01). Até o início da década de 1960, Belo Horizonte possuía apenas o estádio Independência (30.000 torcedores) em condições de proporcionar bons espetáculos e já não suportava o número crescente de torcedores (SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO, 2005, p. 17).

Segundo Santos (2005), a ausência de um grande estádio impedia a ascensão do futebol mineiro, já vez que desencadeava outros fatores que limitavam os clubes da capital de formar equipes em condições de competir com os times de São Paulo e Rio de Janeiro. Dentre esses aspectos, destaca-se, primeiramente, a questão envolvendo o êxodo de jogadores.

A ausência de um grande estádio anteparava a presença de grandes públicos nas partidas realizadas na capital mineira, assim, estádio pequeno era sinônimo de rendas baixas que, por consequência, impediam aos clubes mineiros condições para permanecerem com aqueles jogadores que mais se destacassem, uma vez que as equipes não possuíam patrocinadores e as despesas com salários de jogadores eram cobertas fundamentalmente a partir da obtenção das rendas oriundas da bilheteria (PRONI, 2000⁵ *apud* FREITAS JÚNIOR, 2009).

⁵ PRONI, M. W. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP: UNICAMP, 2000.

Neste mesmo contexto, até o final da década de 1950 o único campeonato interestadual de clubes de maior envergadura era o torneio Rio – São Paulo, cujo próprio nome já propunha, envolvia apenas as principais equipes desses estados. Paralelamente à realização deste torneio, existia também o Campeonato Nacional de Seleções de Estados (1923 - 1963), no entanto, observando a lista dos campeões⁶ de todas as edições, pode-se notar um domínio exacerbado das seleções de São Paulo e Rio de Janeiro. Em contrapartida,

os jogos dos times de futebol de Minas Gerais restringiam-se quase exclusivamente ao próprio estado. O intercâmbio com as equipes do Rio de Janeiro e de São Paulo não era sistemático, reduzindo-se a alguns jogos amistosos e a pequenos torneios sem grande representatividade (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 101).

De acordo com Assumpção (2004), devido às próprias limitações que o Campeonato de Seleções Estaduais e o Torneio Rio-São Paulo apresentavam no final da década de 1950, entidades como a Federação Mineira de Futebol – FMF passaram a demandar alterações que viabilizassem a descentralização do futebol brasileiro através da integração de clubes de várias regiões do país através da criação de um campeonato nacional. Como este projeto estava atrelado a um propósito de rompimento da hegemonia paulista e carioca, as entidades responsáveis pelo futebol desses dois estados aproveitaram de suas influências perante a Confederação Brasileira de Desportos – CBD⁷ para condicionar a criação de novo torneio permitindo a participação apenas de equipes cujos estados dispusessem de estádio capaz de receber grandes contingentes de torcedores. (ASSUMPÇÃO, 2004).

Mesmo sem ter sido imediatamente cumpridas as prerrogativas das entidades paulista e carioca em relação aos estádios e as aspirações de outras entidades estaduais em relação à mudança de “quebra” de hegemonia das equipes do eixo Rio-São Paulo, foi criada no ano de 1959 a Taça Brasil⁸. Porém, há de ressaltar que a forma como esta competição foi

⁶ Esta competição foi criada com a necessidade de indicar um representante brasileiro para a disputa da recém-criada Taça Libertadores da América (principal competição interclubes da América Sul). Apenas nas edições de 1934 e 1963 que o título não ficou com São Paulo ou Rio de Janeiro. Minas Gerais sagrou-se campeão na última edição (1963), assim, devido à importância deste feito, ele será discutido com mais veemência adiante.

⁷ Nessa época ainda não existia a Confederação Brasileira de Futebol – CBF, e a CBD era a entidade máxima responsável pelo ordenamento do futebol brasileiro.

⁸ Seis das sete primeiras edições foram conquistadas pelas equipes do estado de São Paulo.

estruturada acabava favorecendo a supremacia dos clubes paulistas e cariocas que poderiam ingressar já na fase semifinal (SANTOS, 2012).

Fatores que engendram a construção do Mineirão

Diante do cenário de supremacia das equipes paulistas e cariocas, tornava-se necessário que a capital de Minas Gerais tivesse um estádio que permitisse o futebol do estado rivalizar com as equipes do Rio de Janeiro e São Paulo, e expressar-se nacionalmente o seu futebol (ASSUMPÇÃO, 2004).

Assim, este aspecto encontra-se em consonância com a lógica de construção grandes estádios construídos em diversas partes do mundo. A partir dos anos 50 essas construções estavam acopladas às expressões da monumentalidade, um dos marcos de uma ideologia nacional de Estado e de grande potência, um ideário decorrente de uma arquitetura nacional-desenvolvimentismo sobre influência de JK, neste momento presidente da república (PEREIRA, 2004).

O projeto que deu origem a construção do Mineirão aparece datado de 1959. O novo palco do futebol mineiro deveria simbolizar “o que de mais moderno poderia existir na cidade” (CAMPOS; AMARAL, 2013, p. 45), pois construído em uma região moderna, sendo ele próprio um edifício moderno, arrojado, deveria ser também símbolo de desenvolvimento, representante concreto do progresso, do trabalho rumo às conquistas, à prosperidade (ASSUMPÇÃO, 2004).

A participação do governo mineiro durante todo o processo de idealização, construção e inauguração do estádio foi muito importante. Solidificando o aspecto político-ideológico inserido na lógica do futebol brasileiro naquele contexto, o projeto de construção do Mineirão transformou-se em projeto de lei durante o mandato de governador de José Francisco Bias Fortes (1956 – 1961).

Sancionada a lei e definido o terreno⁹ onde seria construído o Mineirão, iniciaram-se as obras de construção do estádio que levaria longínquos seis anos até a inauguração. Este longo período de construção pode ser explicado em decorrência do viés político, pois neste período José de Magalhães Pinto substituiu Bias Fortes no cargo de governador do estado de Minas Gerais. Oriundo de um partido de oposição ao de Bias Fortes, Magalhães Pinto assume o seu mandato tomando à iniciativa de paralisar as obras de construção do Mineirão. Seixas; Simões e Ribeiro (2005, p. 22-3) elucidam bem este entrecho.

O Mineirão leva o nome do ex-governador Magalhães Pinto. O batismo se justifica pelo empenho do líder da UND (União Democrática Nacional) em ver o estádio erguido, a partir de 1964. Porém, antes de jogar todo seu prestígio e abrir os cofres do Estado, Magalhães resistia e não escondia a má vontade em dar continuidade ao empreendimento [...] o transitório desprezo se fixava na motivação política, dada a renhida rivalidade mantida com José Francisco Bias Fortes, seu antecessor no Palácio da Liberdade e líder do PSD. [...] o projeto do Mineirão quase emperrou devido ao lendário confronto partidário mantido por PSD e UND [...] Magalhães entendia que o novo campo também traria glórias ao arquirrival Bias Fortes, responsável pelos primeiros procedimentos, e, portanto, a divisão dos méritos lhe esfriara o entusiasmo. [...]

A concepção de Magalhães Pinto sobre a construção do Mineirão começou a mudar devido o título nacional da seleção mineira no ano de 1963, pois esta conquista culminou com grande mobilização popular pelas ruas de Belo Horizonte. Após receber uma calorosa manifestação popular, Magalhães Pinto, em uma jogada política decidiu retomar as obras de construção do estádio (ASSUMPÇÃO, 2004).

A retomada das obras do Mineirão simbolizava o entendimento no qual possuir um equipamento de lazer de grande porte se tornava também uma necessidade distintiva, ou ainda uma espécie de marco-simbólico que representaria a desenvoltura e a altivez do estado mineiro. Tomado como estratégia de criação de um canal que pudesse dar vazão ao discurso e ao pensamento oficial, a classe política mineira buscava capitalizar ao máximo a

⁹ Outro ponto decisivo para a concretização do sonho do grande estádio ocorreu em 27 de fevereiro de 1960. Neste dia foi firmado um convênio entre o Ministério da Educação e Cultura, a Universidade de Minas Gerais - UEM, o Conselho de Administração do Estádio Minas Gerais e a Diretoria de Esportes do Estado de Minas Gerais. A assinatura deste convênio garantiu a construção do estádio em um terreno cedido pela UMG. (SANTOS, 2005).

construção do novo estádio, reforçando a noção de protagonismo que o Estado de Minas Gerais deveria assumir (SOUZA NETO, 2013).

Em consonância a este aspecto, a imprensa esportiva de mineira “formaram um bloco em defesa das obras do novo estádio” (SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO, 2005, p. 20) transmitindo um ideário que associava a construção do Mineirão ao sentimento de pertencimento do povo mineiro. Jornalistas e radialistas esportivos procuravam envolver o projeto em um desejo da sociedade mineira, apresentando um discurso no qual os estádios seriam difundidos e glorificados como obras que se destinavam a transmitir à posteridade a memória de um fato social extraordinário. Uma lógica na qual transmitia o ideário de construção de um novo estádio para o povo (ASSUMPÇÃO, 2004).

A construção do Mineirão também se manteve em consonância com o próprio desenvolvimento da capital mineira. Na década de 1950, a cidade de Belo Horizonte crescia enormemente em decorrência ao crescimento industrial e a sua consequente imigração. Por conseguinte, a população aumentava e demandava novas atividades de lazer, sendo futebol uma das mais procuradas.

Dessa forma, segundo Santos (2005), a inauguração do Mineirão em cinco de setembro de 1965 trouxe euforia no meio esportivo da capital mineira diante da confiança de que um grande estádio era o que entravava o futebol mineiro e gerava a certeza de que este se transformaria numa potência nacional.

Um novo cenário

A dinâmica do futebol brasileiro está associada a uma conjuntura mais ampla que dialoga com as transformações ocorridas no âmbito da política-econômica do país. Assim,

O surgimento de novos polos de desenvolvimento do futebol no país entrecruzava-se com o processo de expansão socioeconômica em curso. O extraordinário aumento do mercado interno em amplo sentido, isto é, não apenas economicamente, tornava anacrônica a excessiva concentração e centralização de um esporte com potencial de mobilização popular imponderável em apenas dois centros hegemônicos (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 96).

Neste contexto, a inauguração do Mineirão assinalaria novos rumos para o futebol mineiro, impulsionando a ascensão de Cruzeiro e Atlético ao cenário nacional em decorrência da conquista de títulos nacionais e internacionais e das boas campanhas alcançadas por esses clubes. Pode-se considerar como grande marco deste processo o título da Taça Brasil de 1966 conquistado pelo Cruzeiro apenas um ano após a inauguração do Mineirão. Segundo Santos (2012), naquele ano o Cruzeiro destacou-se perante as equipes paulistas e cariocas, e pela primeira vez, Minas Gerais conquistava um título nacional.

O título da Taça Brasil provocou a dilatação das fronteiras do futebol brasileiro. Dirigentes cariocas e paulistas, então donatários das competições mais importantes, entendiam ser impossível um campeonato sem a participação dos clubes de Minas e de seu novo símbolo: o Mineirão (SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO, 2005, p. 38).

Dessa maneira, no ano seguinte a conquista do Cruzeiro, o torneio Rio-São Paulo deu origem ao torneio Roberto Gomes Pedrosa, popularmente conhecido como “Robertão”¹⁰, e já no ano de 1970 a dupla Cruzeiro e Atlético apareciam como protagonistas da fase final da competição, rivalizando em condições de igualdade com as equipes paulistas e cariocas. O “Robertão” foi realizado apenas entre os anos de 1967 a 1970, pois no ano de 1971 foi realizada a primeira edição do Campeonato Brasileiro¹¹.

Os palpites sobre as equipes favoritas para ganhar o certame nacional já enunciavam a força e o respeito alcançando pelas equipes mineiras no cenário nacional, já que o Cruzeiro e Atlético eram apontados como favoritos para a conquista do título devido as fortes equipes montadas para a disputa da competição. A equipe do Cruzeiro, por exemplo, despertava a admiração por onde passava devido à presença de importantes jogadores que faziam parte da seleção brasileira e da seleção de outros países como a Argentina (SANTOS 2012).

¹⁰ Esta competição é considerada como o embrião do atual Campeonato Brasileiro. Sua primeira edição foi realizada paralelamente a Taça Brasil. Além do desejo de jogar no Mineirão, apontado como o estádio mais moderno do Brasil na época, a inserção dos clubes mineiro na competição juntamente com as equipes paulistas e cariocas, continha, especialmente, um interesse econômico. Dirigentes do Rio de Janeiro sonhavam com as grandes rendas que o Mineirão proporcionaria, e que eram quase que totalmente repassadas aos clubes. A administração do estádio mineiro cobrava uma taxa de apenas 5% da renda bruta, vários dígitos mais baixo que a cobrada no Maracanã, cujo percentual chegava a 50%. Entendiam os dirigentes que estava na Pampulha a redenção financeira dos clubes. Para se beneficiar das benesses financeiras do novo Estádio precisariam da parceria de Cruzeiro e Atlético” (SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO, 2005, p. 42).

¹¹ Ver Santos (2012) sobre o processo que culminou com a criação do Campeonato Brasileiro.

Neste contexto, segundo Oliveira e Souto (2011) o futebol mineiro cresceu com o Mineirão, pois o estádio dava vultosos lucros para seus clubes. No ano de 1970, superando estádios como o Maracanã e o Pacaembu, o Mineirão obteve a maior média de arrecadação por jogo do futebol brasileiro. Segundo Assumpção (2004), esse dado demonstra o crescimento ocorrido no futebol mineiro após a construção do estádio. As arrecadações dos estádios e dos clubes comprovam como Cruzeiro e Atlético deram seus primeiros passos no sentido de buscar disputar a hegemonia do futebol brasileiro com as equipes paulistas e cariocas, já que a dupla mineira começava a conseguir manter uma legião de craques em suas equipes, com os cofres recheados e oferecendo-lhes altos salários, as duas equipes deixavam-se de serem apenas exportadores de jogadores, tornando-se também importadores de estrelas nacionais e internacionais (SEIXAS; SIMÕES; RIBEIRO, 2005).

Se antes da criação do estádio os clubes mineiros não conseguiam segurar seus principais jogadores das constantes investidas dos clubes paulistas e cariocas, o Mineirão possibilitou a inversão deste panorama, contribuindo, inclusive, para que os jogadores de Cruzeiro e Atlético ascendessem à seleção.

Apenas no ano de 1966, ou seja, após a construção do Mineirão, um atleta de uma equipe mineira é convocado pela primeira vez para disputar uma Copa do Mundo pela Seleção Brasileira: o jogador Tostão, que atuou pelo Brasil na Copa realizada na Inglaterra: “*Foi um acontecimento em Belo Horizonte*”, lembra o ex-atleta (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 118).

Nesta nova lógica, os palpites para o Campeonato Nacional de 1971 foram confirmados e o Atlético sagrou-se campeão nacional. Ainda durante a década de 1970, pode-se elucidar a ascensão do futebol mineiro através de títulos e campanhas importantes de Cruzeiro e Atlético que até antes da inauguração do Mineirão era praticamente impossível de se imaginar. Nos anos de 1974 e 1975 o Cruzeiro foi duas vezes consecutivas finalista do certame nacional. Já em 1976 e 1977, o Cruzeiro foi campeão e vice-campeão, respectivamente, da Taça Libertadores da América. Também no ano de 1977, o Atlético chegou mais uma vez à final do Campeonato Brasileiro.

Portanto, outro fato importante de ser destacado a partir da ascensão das equipes mineiras nesses pouco mais de dez anos do Mineirão foi o aumento de suas respectivas torcidas. O

“Mineirão começou a despertar o ‘mineirismo’, o regionalismo, o amor com os times daqui” (ASSUMPÇÃO, 2004, p. 111). Corroborando com Assumpção (2004), Seixas; Simões e Ribeiro (2005) acreditam que o novo estádio produzia um efeito multiplicador, causando um sentimento de mineiridade e adesão irreversível aos clubes de Minas.

Considerações Finais

Devido à concisão deste trabalho, não foi possível aprofundar com mais veemência sobre o tema proposto, pois as transformações assistidas no futebol mineiro ao longo de sua história, principalmente, no período que remonta a construção do Mineirão está atrelada a uma estrutura que envolve outras dimensões, como, por exemplo, a política, a economia e a cultura. Não obstante, pode-se também pontuar como limites para realização deste trabalho a carência de fontes específicas sobre o tema. Os trabalhos que tratam diretamente sobre esta temática ainda são incipientes, sendo que a maioria dos trabalhos que elucidam o tema o aborda apenas como pano de fundo dentro de uma perspectiva mais ampla.

Contudo, apesar de tais limitações, acredita-se que o Mineirão foi capaz de reposicionar o futebol mineiro no cenário nacional. De meros coadjuvantes, Cruzeiro e Atlético posicionaram-se após a inauguração do novo estádio, como protagonistas do futebol brasileiro ao lado das equipes paulistas e cariocas, constituindo-se, de acordo com Assumpção (2004), a terceira força do futebol brasileiro.

Esta ascensão resume-se, sobretudo, em decorrência da grande presença de público e de esplendorosas rendas obtidas nos jogos de Cruzeiro e Atlético, principalmente nas partidas entre as duas equipes, pois com o advento do Mineirão, estas equipes tiveram suas respectivas torcidas aumentadas exponencialmente e o confronto entre ele passou a ser o principal clássico de Minas Gerais e uma das principais rivalidades do futebol brasileiro. Como já foi aclarado por Assumpção (2004) e Santos (2005), grandes públicos significaria grandes times. Assim, impulsionados sobre o novo estádio, a dupla mineira puderam-se ascender e consolidar ao cenário nacional e internacional, graças os esquadrões formados e as importantes campanhas e títulos conquistados.

Referências Bibliográficas

- ASSUMPÇÃO, L. O. T. **O temp(l)o das geraes: a nova ordem do futebol brasileiro**. Montes claros: Unimontes, 2004.
- BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: Ibrasa, 1990.
- CAMPOS, P. A. F; SILVA, S. R. O futebol como instrumento para as transformações urbanas em Belo Horizonte/MG. In: XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana, 2013, Rio de Janeiro. **Anais do 13º SIMPURB**, 2013.
- COUTO, E. F. Belo Horizonte e o futebol: Planejamento Urbano e os esportes na nova capital / 1897-1927. In: VIII Seminário da História das Cidades e do Urbanismo-UFF, 2004, Niterói. **Anais do VIII SHCU**, 2004.
- FREITAS JÚNIOR, M. A. **No meio do caminho: tensões presentes nas representações sobre o futebol e o ideal de modernidade brasileira na década de 1950**. 2009. 330 p. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Paraná.
- MOURA, R. C. B. Os habitantes de Belo Horizonte “como os maiores admiradores do esporte Bretão”. **Revista Licere**, Belo Horizonte, v. 13, n.3, p. 01-25, set. 2010.
- OLIVEIRA, E. U. A. de; SOUTO, L. P. D. **Atlético x Cruzeiro: A trajetória de uma rivalidade**, 2011, 39 p. Memorial do projeto experimental (Bacharelado em Comunicação Social/Jornalismo) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa.
- PEREIRA, P. C. **Mineirão em Cena: Palco de Sociabilidades e Imagens**. 2004. 162 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- RODRIGUES, M. A. A. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920)**. 2006. 338 p. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.
- SANTOS, A. C. dos. Estádio Mineirão: orgulho e redenção do futebol mineiro. **Efdeportes Revista Digital**, Buenos Aires, año 10, n.87, 2005.
- SANTOS, D. A. dos. **Futebol e política: a criação do campeonato nacional de clubes de futebol**. 2012. 150 p. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil, Rio de Janeiro.
- SEIXAS, W.; SIMÕES, A.; RIBEIRO, C. H. **Mineirão 40 anos: paixão e emoção**. Belo Horizonte: Lastro Editora, 2005.
- SOUZA NETO, G. J. **Aha, uhu, o Mineirão é nosso: a história da memória de um lugar**. Projeto de Pesquisa apresentado ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer, nível Doutorado, EEEFTO - UFMG, 2013.
- _____. **A invenção do torcer em Belo Horizonte Da assistência ao pertencimento clubístico (1904-1930)**. 2010. 130 p. Dissertação (Mestrado em Lazer). Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.